

Cuidados paliativos no contexto das Instituições de Longa Permanência para idosos: relato de experiência de uma intervenção educativa com profissionais

Michel Siqueira da Silva

Júlia Danielle de Medeiros Leão

Josiane Pereira dos Santos

Vilani Medeiros de Araújo Nunes

Gilson de Vasconcelos Torres

Introdução

O envelhecimento populacional constitui um fenômeno demográfico global e progressivo, associado ao aumento da expectativa de vida e à transição epidemiológica, marcada pela predominância de doenças crônicas não transmissíveis e condições degenerativas. No Brasil, esse cenário tem implicado maior demanda por cuidados de longa duração, especialmente entre pessoas idosas com fragilidade, multimorbidade e declínio funcional progressivo.

As Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) emergem, nesse contexto, como dispositivos sociais e assistenciais destinados ao acolhimento e cuidado de pessoas idosas com diferentes graus de dependência. Conforme discutido por Possatti *et al.* (2024), as ILPI devem cumprir dupla função: ofertar assistência gerontogerátrica adequada ao grau de dependência e proporcionar ambiente que preserve dignidade, identidade e vínculos afetivos.

Entretanto, o perfil clínico dos residentes dessas instituições frequentemente envolve doenças crônicas avançadas, demências, insuficiências orgânicas e condições irreversíveis, o que amplia a necessidade de abordagem paliativa estruturada. Rodrigues *et al.* (2025), ao analisarem práticas de cuidados paliativos em ILPI, evidenciaram que tais intervenções, quando organizadas e centradas nas necessidades do paciente, favorecem assistência humanizada e integral, contemplando dimensões físicas, emocionais, sociais e espirituais.

Os Cuidados Paliativos são definidos como abordagem ativa, interdisciplinar e centrada na pessoa, voltada à prevenção e alívio do sofrimento associado a doenças ameaçadoras da continuidade da vida. A Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) ressalta que essa prática não se restringe aos últimos dias de vida e não representa abandono terapêutico, mas reorientação do cuidado com base na proporcionalidade e na qualidade de vida.

Além disso, a cartilha “Cuidados Paliativos e Fragilidade”, publicada pela Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP, 2024), reconhece a fragilidade como condição clínica que deve acionar avaliação paliativa precoce, sobretudo em contextos institucionais.

No que se refere à terminalidade, estudo conduzido com idosos institucionalizados demonstrou que seus desejos se relacionam à preservação da dignidade, ausência de dor, manutenção da consciência e não serem percebidos como peso familiar, indicando a importância da escuta qualificada e do planejamento antecipado de cuidados.

Adicionalmente, a Frente Nacional de Fortalecimento às ILPI destaca que a qualificação das equipes é componente estratégico para garantir assistência segura e proporcional, especialmente em situações de agravamento clínico e fim de vida.

Diante desse cenário, torna-se imperativo investir em processos educativos que promovam ampliação conceitual e instrumentalização prática dos profissionais que atuam em ILPI, visando à incorporação estruturada dos cuidados paliativos no cotidiano institucional.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo, do tipo relato de experiência, com abordagem qualitativa e caráter reflexivo-analítico, referente a uma intervenção educativa desenvolvida com profissionais de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) localizada no município de Natal/RN, no segundo semestre de 2025.

A atividade foi planejada a partir de demanda institucional identificada pela coordenação da ILPI, relacionada à necessidade de qualificação da equipe quanto à abordagem de residentes com doenças crônicas avançadas, fragilidade e condições de terminalidade.

Participaram da intervenção 18 profissionais vinculados à instituição, incluindo cuidadores formais, técnicos de enfermagem, profissionais de enfermagem e colaboradores envolvidos no cuidado direto e indireto aos residentes. A participação foi voluntária e ocorreu durante momento previamente acordado com a gestão institucional.

A intervenção foi organizada em quatro momentos interdependentes:

1. **Diagnóstico situacional inicial:** Realizado por meio de questionamentos abertos dirigidos ao grupo, com o objetivo de identificar percepções, concepções prévias e experiências relacionadas aos cuidados paliativos no contexto institucional. As respostas foram registradas em diário de campo.
2. **Dinâmica reflexiva de sensibilização:** Aplicação da atividade intitulada “Carta de Despedida”, na qual os participantes foram convidados a refletir e escrever sobre como gostariam de ser cuidados em situação de fim de vida. A dinâmica teve finalidade pedagógica e provocativa, buscando mobilizar dimensões éticas, emocionais e existenciais do cuidado.

3. **Exposição dialogada fundamentada em evidências:** Apresentação teórica baseada em diretrizes da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG), Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP) e literatura científica sobre práticas paliativas em ILPI. O conteúdo contemplou: conceito ampliado de cuidados paliativos, critérios de elegibilidade, fragilidade como marcador clínico, proporcionalidade terapêutica, comunicação em fim de vida e manejo sintomático.
4. **Discussão coletiva de situações vivenciadas na ILPI:** Momento destinado à problematização de casos reais do cotidiano institucional, permitindo articulação entre teoria e prática.

Os dados analisados derivaram:

- Das falas espontâneas dos participantes durante a roda de conversa;
- Dos registros realizados em diário de campo pelo facilitador;
- Das reflexões escritas na dinâmica inicial.

A análise foi conduzida por meio de abordagem temática descritiva, buscando identificar núcleos de sentido emergentes relacionados à compreensão conceitual, inseguranças profissionais, percepção da terminalidade e mudanças discursivas ao longo da intervenção.

Por tratar-se de relato de experiência com finalidade formativa interna, sem identificação individual dos participantes e sem coleta de dados sensíveis, foram respeitados os princípios éticos de confidencialidade e anonimato.

Resultados e discussão

A experiência evidenciou que a compreensão prévia da equipe acerca dos cuidados paliativos estava fortemente associada à terminalidade imediata e à ideia de “fim de tratamento”. Durante a fase inicial da roda de conversa, emergiram verbalizações que associavam cuidados paliativos à ausência de possibilidades terapêuticas ou à “espera pela morte”, revelando predominância de entendimento restrito e biologicista.

A dinâmica “Carta de Despedida” mostrou-se um potente dispositivo pedagógico. Ao serem convidados a refletir sobre como gostariam de ser cuidados em situação de finitude, os participantes expressaram desejos relacionados a:

- Não sentir dor;
- Não morrer sozinhos;
- Serem respeitados em suas escolhas;
- Não serem submetidos a procedimentos invasivos desnecessários;
- Terem presença familiar e cuidado humanizado.

Essa produção simbólica revelou uma dissociação entre a forma como os profissionais desejariam ser cuidados e a maneira como, por insegurança ou falta de formação específica, muitas vezes conduzem situações semelhantes na prática institucional.

Durante a exposição dialogada, observou-se significativa mobilização emocional ao abordar o conceito de proporcionalidade terapêutica. Profissionais relataram experiências prévias de encaminhamentos hospitalares considerados “automáticos”, mesmo quando o quadro clínico indicava condição irreversível. Essa prática foi reconhecida como reflexo de medo jurídico, insegurança técnica e ausência de protocolos internos.

O tema do uso de opioides, especialmente morfina, gerou debate relevante. A leitura e discussão do posicionamento da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia contribuíram para desconstrução do mito de que a medicação “antecipa a morte”, reforçando seu papel no controle adequado da dor e da dispneia.

Outro ponto crítico identificado foi a dificuldade de comunicação com familiares diante da piora clínica. Os participantes relataram receio de abordar prognóstico limitado, temendo interpretações de abandono terapêutico. Essa dificuldade dialoga com evidências que apontam a necessidade de qualificação comunicacional nas ILPI.

Ao final da intervenção, notou-se mudança qualitativa no discurso dos participantes. Expressões como “não é desistir”, “é cuidar melhor”, “é respeitar a fase da doença” passaram a compor as falas espontâneas da equipe, indicando ampliação conceitual.

Os achados desta experiência revelam que a lacuna formativa em cuidados paliativos ainda é realidade no contexto das ILPI, corroborando estudos que apontam fragilidades na incorporação estruturada dessa abordagem no cuidado institucional.

A associação inicial entre cuidados paliativos e morte iminente evidencia a permanência de um paradigma curativista, no qual a ausência de possibilidade de cura é percebida como fracasso terapêutico. Contudo, conforme destacado pela SBGG, os cuidados paliativos constituem abordagem ativa, voltada ao controle de sintomas e à promoção da qualidade de vida, podendo coexistir com tratamentos modificadores da doença.

A dinâmica reflexiva demonstrou que, quando os profissionais se colocam na posição de sujeitos do cuidado, emergem valores relacionados à dignidade, autonomia e ausência de sofrimento. Esses achados dialogam diretamente com o estudo de Possatti *et al.* (2024), que identificou, entre idosos institucionalizados, desejos semelhantes no contexto da terminalidade.

A insegurança relacionada à limitação de intervenções invasivas também aponta para a necessidade de fortalecimento do conceito de proporcionalidade terapêutica, amplamente discutido no âmbito bioético. O movimento *Choosing Wisely* Brasil reforça a importância de evitar práticas desproporcionais no fim de vida.

No que se refere ao manejo sintomático, a discussão sobre uso da via subcutânea evidenciou desconhecimento prévio quanto à sua aplicabilidade em idosos frágeis. O guia da SBGG e ANCP reforça que essa via constitui alternativa segura e eficaz, especialmente em contextos de disfagia ou dificuldade de acesso venoso.

Outro aspecto relevante refere-se à fragilidade como marcador de elegibilidade para abordagem paliativa precoce. A ANCP destaca que a fragilidade não deve ser

interpretada apenas como declínio funcional, mas como condição clínica que demanda reorganização do plano terapêutico.

Importa destacar que, por tratar-se de relato de experiência, os resultados não pretendem generalização estatística, mas sim oferecer reflexão crítica sobre processos formativos e transformação de práticas.

A experiência permitiu identificar eixos estratégicos para consolidação dos cuidados paliativos no contexto das ILPI:

1. Implementação de programas permanentes de educação continuada;
2. Elaboração de protocolos institucionais de proporcionalidade terapêutica;
3. Inclusão sistemática da discussão sobre diretivas antecipadas;
4. Fortalecimento das competências comunicacionais da equipe;
5. Estruturação de fluxos para manejo sintomático no próprio ambiente institucional.

A consolidação dos cuidados paliativos nas ILPI não se limita à dimensão técnica, mas envolve mudança cultural e ética no modo de compreender o envelhecimento e a finitude.

Considerações finais

A experiência relatada evidenciou que a incorporação dos cuidados paliativos no contexto das Instituições de Longa Permanência para Idosos ainda enfrenta barreiras conceituais, culturais e formativas. A associação restrita entre cuidados paliativos e morte iminente, bem como a insegurança diante da limitação terapêutica e do uso de opioides, demonstram lacunas na formação dos profissionais que atuam nesse cenário.

A intervenção educativa mostrou-se estratégia potente para ampliação conceitual, desconstrução de mitos e fortalecimento da prática assistencial centrada na pessoa idosa. A mobilização reflexiva promovida pela dinâmica inicial possibilitou que os profissionais reconhecessem a importância da dignidade, do controle adequado de sintomas e da proporcionalidade terapêutica não apenas como diretrizes técnicas, mas como valores éticos estruturantes do cuidado.

Os achados dialogam com a literatura que aponta a fragilidade, a multimorbidade e a terminalidade como condições prevalentes nas ILPI, exigindo reorganização do processo de trabalho e qualificação contínua das equipes. A consolidação dos cuidados paliativos nesses espaços não se restringe à implementação de protocolos clínicos, mas requer mudança paradigmática, na qual o cuidado deixa de ser orientado exclusivamente pela lógica curativa e passa a considerar a qualidade de vida, a autonomia possível e o respeito às diretivas antecipadas.

Como relato de experiência, este estudo não pretende generalização estatística, mas oferece contribuição reflexiva e prática para o fortalecimento da educação permanente em cuidados paliativos nas ILPI. Reforça-se a necessidade de institucionalização de

programas formativos contínuos, elaboração de protocolos internos baseados em evidências e fortalecimento das competências comunicacionais da equipe.

Conclui-se que investir na qualificação em cuidados paliativos no contexto institucional representa compromisso ético com a dignidade da pessoa idosa e avanço na consolidação de práticas assistenciais proporcionais, humanizadas e cientificamente fundamentadas.

Referências

ACADEMIA NACIONAL DE CUIDADOS PALIATIVOS (ANCP). **Cuidados paliativos e fragilidade: cartilha para o profissional de saúde**. São Paulo: ANCP, 2024.

ACADEMIA NACIONAL DE CUIDADOS PALIATIVOS (ANCP). **Cuidados de fim de vida à pessoa idosa portadora de doenças não oncológicas**. São Paulo: ANCP, 2022.

FRENTE NACIONAL DE FORTALECIMENTO ÀS INSTITUIÇÕES DE LONGA PERMANÊNCIA PARA IDOSOS (FN-ILPI). **Boas práticas para as instituições de longa permanência para idosos no enfrentamento da pandemia de COVID-19: estratégias e protocolos**. Brasília: FN-ILPI, 2020.

MENEZES, Tânia Maria de Oliva; SILVA, Valéria Moreira da; SILVA, Daniel Espírito Santo da. Cuidados paliativos em instituição de longa permanência frente à pandemia da COVID-19: reflexões a partir da teoria do final de vida pacífico. In: SANTANA, Rosimere Ferreira (org.). **Enfermagem gerontológica no cuidado do idoso em tempos da COVID-19**. 2. ed. rev. Brasília, DF: ABEn, 2020. p. 29-34. DOI: <https://doi.org/10.51234/aben.20.e01.c05>

POSSATTI, Fabiane Marzari; COGO, Silvana Bastos; PERLINE, Nara Marilene Oliveira Girardon; VENTURINI, Larissa; LEITE, Marinês Tambara; TIER, Cenir Gonçalves. Desejos e vontades de pessoas idosas institucionalizadas sobre a terminalidade de vida. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 27, e230177, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-22562024027.230177>

RODRIGUES, Evellyn Aparecida Almeida; VELLOSO, Isabela Silva Cancio; CARAM, Carolina da Silva; MALAGOLI, Mariana; MIRANDA, Laura. Práticas de cuidados paliativos em instituição de longa permanência para idosos. **Revista Brasileira Multidisciplinar (ReBraM)**, Araraquara, v. 28, n. 2, p. 92-101, 2025. DOI: <https://doi.org/10.25061/2527-2675/ReBraM/2025.v28i2.2239>

SOCIEDADE BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (SBGG). **Posicionamento da SBGG acerca de cuidados paliativos e utilização de morfina em pessoas idosas**. Rio de Janeiro: SBGG, 2015.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (SBGG). **Vamos falar de cuidados paliativos**. Rio de Janeiro: SBGG, 2015.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (SBGG); ACADEMIA NACIONAL DE CUIDADOS PALIATIVOS (ANCP). **O uso da via subcutânea em geriatria e cuidados paliativos: um guia para profissionais**. Rio de Janeiro: SBGG, 2016.

Data de recebimento: 13/02/2026; Data de aceite: 15/03/2026

Michel Siqueira da Silva - Mestrando em Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), michelsiqueira10@gmail.com

Júlia Danielle de Medeiros Leão - Graduanda em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), danielle.leao.134@ufrn.edu.br

Josiane Pereira dos Santos - Graduanda em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), josiane.pereira.108@ufrn.edu.br

Vilani Medeiros de Araújo Nunes - Enfermeira, Professora Associada do Departamento de Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), vilani.nunes@ufrn.br

Gilson de Vasconcelos Torres - Enfermeiro, Professor Titular do Departamento de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), gilson.torres@ufrn.br



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.